

# Sentimo-nos bem

Notícias, Maputo  
6 de Julho de 1983

# onde pudermos produzir

— afirmam desempregados de regresso à terra natal

por Natall Donaldo (texto) e Américo Milijo (fotos)

«Nunca vacilei para me inscrever como desempregado porque em qualquer ponto do País sou útil à sociedade e onde sou útil sinto-me bem, porque sou respeitado», afirmou terça-feira, em Maputo, José Jorge, um artesão natural da Província de Inhambane, a poucas horas do embarque para o seu destino,

Tudo a postos para a viagem, bagagens alinhadas, na maioria, visíveis expressões de segurança e confiança, os cidadãos inscritos na fase



José Jorge — «Vou trabalhar»

voluntária respondiam à chamada hora antes de embarcar no «Antonov» da FAM rumo à Província de Inhambane quando a Reportagem do nosso Jornal os abordou.

José Jorge, o nosso primeiro interlocutor, nasceu em Inhambussua, Inhambane, há 35 anos. Desde cedo abraçou o artesanato — confeccionando casacos, bolsas, sandálias e portamonedas confeccionados com cabedal.

Incentivado por familiares e amigos na capital à procura de melhores oportunidades de instrução, trabalho e dinheiro, imigrou em tempos remotos para Maputo.

Depois de um período de labor em que se atirou com fervor à sua actividade, José Jorge encarou «diversos problemas originados por questões de carácter pessoal,

a terra natal. Depoimentos recolhidos de outros viajantes no local, indicaram-nos que é sentimento geral a necessidade de serem úteis à sociedade nos lugares onde agora forem afectados.

nas mesmas condições que eu» — disse o nosso entrevistado, acrescentando que «até agora, tem-nos sido garantido o transporte, alimentação e outras condições veiculadas pela Informação».

Esta opinião foi reiterada por Vitória Mulungo, 19 anos, que em palavras entremeadas por olhares ao seu marido, desempregado, nos esclareceu que «até levamos connosco

todos os nossos embrulhos com tudo o que é nosso».

Ajeitando a criança do casal, com perto de cinco meses, Vitória Mulungo adiantou que acompanha o seu esposo, Geraldo Fazenda Vilanculo, 21 anos, engraxador, porque «para onde ele for, há trabalho e estarei disposta a segui-lo».

Perfilhando o ponto de vista de quem pensa radicar-se definitivamente em Inhambane, Fernando Francisco Nhanombe, 17 anos, admitiu a hipótese de vir a dedicar-se a outros empreendimentos em sectores produtivos daquela província.

Natural de Homoine, foi motivado por familiares a deslocar-se para a cidade, onde passou a exercer a actividade de vendedor de mercado, ria diversa, na periferia do Mercado de Xipamanine.

Inscreeu-se na semana passada na sede do GD daquele agregado.

populacional. Disse-nos ainda que muitos dos antigos colegas reivindicam, nesta fase, o estatuto de trabalhador



Francisco Nhanombe — «Não fica nada do que é meu»

Indagados em regime livre o que, no seu entender, não compreende bem porque, «Essas pessoas não têm um patrão garantido e não dependem de ninguém. Por isso eu levo tudo», disse Nhanombe.

No diálogo com Afonso João Tinga, também da Província de Inhambane, apurámos que aquele cidadão leva consigo toda a família, constituída pela esposa e três filhos menores.

Residente até à data do embarque no Bairro do Alto Mãe «A», Tinga nunca teve uma entidade patronal e um ofício de longa duração, acabando por largar a gerência de uma alfaiataria, cujo dono está num País vizinho, por divergências com os seus colegas.

«A princípio tive um certo temor, uma ligeira incerteza quanto ao meu futuro, pouco antes da publicação da Directiva Ministerial. Agora regresso à minha terra natal com a cabeça erguida, porque sou um desempregado, mas honesto, e sei que vou ter trabalho», assegurou Tinga.



Afonso Tinga — «Levo a família comigo»



Vitória Mulungo — «Acompanho o meu marido»